



*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA <i>NEIGHBOURS</i> DE LÍLIA MOMPLÉ	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
Rosilda Alves Bezerra	
Lorraine Sobral Correia de Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.8942026101	
CAPÍTULO 2	14
A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA	
Rosalina Albuquerque Henrique	
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	
DOI 10.22533/at.ed.8942026102	
CAPÍTULO 3	20
O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM <i>O RETRATO DO REI</i> , DE ANA MIRANDA	
Cristina Reis Maia	
DOI 10.22533/at.ed.8942026103	
CAPÍTULO 4	32
AS MARCAS DA OPRESSÃO EM <i>SELVA TRÁGICA</i> , DE HERNANI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
João Batista Cardoso	
Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.22533/at.ed.8942026104	
CAPÍTULO 5	43
POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE <i>O LOUCO DO CATI</i> DE DYONÉLIO MACHADO	
Nailton Santos de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.8942026105	
CAPÍTULO 6	64
A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE	
Carina Marques Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.8942026106	
CAPÍTULO 7	74
O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: <i>A VIUVINHA</i> , DE JOSÉ DE ALENCAR, E <i>A ABELHA</i> – VERDADE E CARIDADE	
Iza Terezinha Gonçalves Quelhas	
DOI 10.22533/at.ed.8942026107	

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24.....	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25.....	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26.....	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	281
ÍNDICE REMISSIVO.....	282

CAPÍTULO 6

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE

Data de aceite: 01/10/2020

Data da submissão: 21/07/2020

Carina Marques Duarte

Instituição de Ensino: Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul
Cidade: Corumbá – MS
<http://lattes.cnpq.br/3524153948948265>

RESUMO: O objetivo deste trabalho é, a partir da análise da representação do último imperador de Gaza, Ngungunhane, nos romances *Ualalapi e As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, e no conto “Quem manda aqui?”, de Paulina Chiziane, apontar para o tratamento crítico ao qual os autores submetem a história e verificar como ocorre o questionamento da grande narrativa construída acerca do chefe nguni. Recorreremos às formulações de Jacques Le Goff, Inocência Mata e Michael Pollak, a fim de demonstrar que os textos são elaborados com base em uma estratégia contradiscursiva.

PALAVRAS - CHAVE: Memória; Tradição; Ngungunhane; História; Estratégia contradiscursiva

LITERATURE AS A ‘CONTRADISCURSIVE’
STRATEGY IN UNGULANI BA KA KHOSA
AND PAULINA CHIZIANE

ABSTRACT: The purpose of this work is, from the analysis of the representation of Ngungunhane, the last emperor of Gaza in the novels *Ualalapi and The Emperor’s Women* by Ungulani Ba Ka

Khosa and in the short story “Who’s in charge here?” by Paulina Chiziane, to point to the critical treatment to which the authors submit the history and verify how the questioning of the great narrative built about the nguni chief occurs. We will use the formulations of Jacques Le Goff, Inocência Mata and Michael Pollak, in order to demonstrate that the texts are elaborated based on a ‘contradiscursive’ strategy.

KEYWORDS: Memory; Tradition; Ngungunhane; History; ‘Contradiscursive’ strategy

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A tendência à reescrita do passado pré-colonial e colonial tornou-se uma marca das literaturas dos PALOP depois da independência. O escritor Ungulani Ba Ka Khosa não passa ao largo de tal prática. *Ualalapi*, seu primeiro romance, aborda a figura de Ngungunhane, imperador nguni que, no século XIX, submeteu os tsonga e colonizou o sul de Moçambique.

Último resistente à ocupação portuguesa depois da decisão da Conferência de Berlim, Ngungunhane passou à história colonial portuguesa como símbolo da derrota de Moçambique, entretanto, em 1975, com a independência, foi alçado à categoria de herói nacional, reconhecido pelo governo da FRELIMO como o primeiro resistente moçambicano. Em 1983, Samora Machel, presidente de Moçambique, requisitou ao governo português os restos mortais do antigo régulo, argumentando sobre a importância da

repatriação dos mesmos para a identidade nacional. Dois anos depois, em cerimônia solene, a urna funerária de Ngungunhane foi exposta no Salão Nobre do Conselho Executivo de Maputo.

Intrigado com a política de enfatizar o líder nguni como herói nacional, Ungulani Ba Ka Khosa decidiu pesquisar a vida daquele personagem histórico. O resultado de tais pesquisas está em *Ualalapi*, romance publicado em 1987. Em *As mulheres do imperador* volta a abordar a história do soberano nguni, focalizando, desta vez, a volta à Moçambique das esposas do último régulo de Gaza. Paulina Chiziane, no Conto “Quem manda aqui?”, que integra o livro *As andorinhas* (2009), centraliza a sua atenção no imperador vátua e na queda do império.

NGUNGUNHANE E O IMPÉRIO DE GAZA

Ngungunhane assumiu o trono, em 1884, depois de ordenar a morte do irmão Mafemane. Durante 11 anos, até 1895, governou os ngunis com poder absoluto, “[...] que passaria por uma política de rapina, lançamento indiscriminado de impostos, espionagem e nepotismo [...]” (GARCIA, 2008, p. 134). Com as tribos, mantinha frequentemente relações inamistosas. Com as autoridades portuguesas, a princípio, procurou manter alguns contatos, tanto que, nos seus primeiros dias na condição de soberano de Gaza, enviou emissários a Chiloane a fim de comunicar sua entronização às autoridades portuguesas. Tal fato causou tão boa impressão nas mesmas autoridades, que propuseram a Ngungunhane a assinatura de acordos de vassalagem. Assim, representantes do chefe nguni foram enviados a Lisboa com o propósito de firmar um documento diplomático, através do qual Ngungunhane comprometia-se, entre outras coisas, a aceitar a abertura de escolas e missões em territórios sob a sua influência, a vinda de um representante luso para residir em sua corte e não declarar guerra aos régulos de outros grupos étnicos sem o prévio consentimento de Portugal. Convém salientar que o referido acordo ficou somente no papel, pois jamais levou Ngungunhane a esperar a autorização portuguesa para atacar, incendiar aldeias e extorquir bens de outras tribos.

Ademais, o início do reinado de Ngungunhane coincidiu com o momento em que, na sequência da Conferência de Berlin (1886), discutia-se a questão da ocupação da África. E Ngungunhane, percebendo o interesse de outras potências pelo território, não se limitou a negociar apenas com Portugal. Desse modo, como menciona Garcia (2008), ora aliou-se aos portugueses para reforçar o domínio sobre outros regulados rivais e ainda para se proteger das ambições inglesas, ora negociou com a Grã-Bretanha para desacreditar as cláusulas dos acordos de vassalagem aos quais se submetera em 1885.

Representantes da British South Africa Company faziam-se cada vez mais presentes na corte nguni com o objetivo de, em troca de armas e dinheiro, obter favores na concessão de terrenos para a exploração de minérios e a livre circulação para o litoral Índico. Por outro

lado, de acordo com Garcia (2008), os portugueses, ao norte, pressionavam o chefe nguni para ter o controle das minas de Manica, fato que levou Ngungunhane a transferir a capital do reino de Mossurize para Manjacase.

Ao mesmo tempo em que pressionava os nativos, Portugal também sofria pressões, como comprova o Ultimatum inglês de 1890, que o forçou a retirar as tropas do Chire (atual Malawi) e dos Macololos e da Machona (atual Zimbabwe). Tal acontecimento levou a que portugueses e ingleses fimassem, em 1891, um acordo sobre a delimitação de Moçambique, ficando os territórios ngunis na possessão portuguesa. Em virtude disso, Ngungunhane não pôde mais valer-se da ambiguidade diplomática para desobedecer aos acordos feitos com Portugal.

Em 1894, devido a excessos das autoridades coloniais na cobrança de impostos, segundo Garcia (2008), alguns régulos tsongas revoltaram-se e cercaram Lourenço Marques durante dois meses. A fim de evitar maiores prejuízos, as autoridades portuguesas enviaram oficiais a Moçambique com o objetivo de constituir um exército, que deveria combater os chefes tradicionais, os quais, naquele momento, estavam sob a tutela de Nghungunhane. Tal exército enfrentou e venceu os tsongas em fevereiro de 1895.

Contudo, dois régulos tsongas conseguiram fugir e buscaram abrigo junto à corte do leão de Gaza, que se recusou a entregá-los aos portugueses. Diante disso, o comissário Antonio Enes resolveu ocupar Gaza, e, em novembro de 1895, as suas tropas impuseram aos ngunis uma dura derrota. Depois deste episódio, Ngungunhane abandonou Manjacaze, a capital do império, e dirigiu-se para Chaimite, de modo que o Coronel Galhardo entrou sem qualquer resistência em Manjacaze.

O capitão Moutinho de Albuquerque dirigiu-se a Chaimite ao encontro de Ngungunhane. Lá, em 28 de dezembro de 1895, efetuou a prisão do último líder do império de Gaza; em seguida, o conduziu, juntamente com o séquito que o acompanhava – do qual faziam parte as sete mulheres e o filho primogênito –, para Lourenço Marques.

Em 13 de janeiro de 1896, Ngungunhane foi posto em um navio a caminho de Lisboa, onde, dois meses depois, como refere Garcia (2008), foi recebido triunfalmente como troféu de guerra. Seu destino final, a cumprir-se meses mais tarde, seria o exílio nos Açores. Na Ilha Terceira, o ex-régulo de Gaza foi alfabetizado, batizado, se tornou alcoólatra e viveu onze anos, tendo morrido, em 1906, triste e na solidão.

NGUNGUNHANE ATRAVÉS DA FICÇÃO

No romance *Ualalapi*, com a morte de Muzila, Mudungazi reúne os guerreiros e relembra a construção do império pelo avô, a guerra sucessória entre Mawewe e o sucessor indicado por Manicuse, Muzila, e conclui afirmando que fora escolhido pelo pai para ser o novo régulo de Gaza e que, por isso, não admitirá partilhar o poder:

Não vou partilhar o poder. Ele pertence-me desde que nasci do ventre de Lozio, minha mãe, a mulher preferida de Muzila. E serei temido por todos, porque não me chamarei Mudungazi, mas Ngungunhane, tal como essas profundas furnas onde lançamos os condenados à morte! O medo e o terror ao meu império correrão séculos e séculos e ouvir-me-ão em terras por vocês nunca sonhadas! (BA KA KHOSA, 2013, p. 25-26).

Com efeito, o medo e o terror seriam marcas do comando do leão de Gaza e a sua figura despertaria ódio inclusive entre os súditos, detalhe que foi explorado por Ba Ka Khosa em *Ualalapi* através da personagem Domia, filha de Mputa.

Acusado de assédio sexual pela primeira esposa do régulo, Mputa fora condenado à morte. Todavia, na iminência do cumprimento da sentença, o guerreiro solicitou que fosse submetido à prova do mondzo e bebeu do veneno sem pestenejar, de maneira que a sua inocência ficou comprovada. Ainda assim, Ngungunhane ordenou o seu sacrifício, acusando-o de feitiçaria.

Domia, que presenciara o julgamento e a injusta condenação do pai, alimentou durante anos o desejo de vingança e, chegada a hora, pôs em prática o seu plano de seduzir e matar o soberano nguni. Sua estratégia, porém, resultou falha, pois, descoberta nas suas secretas intenções, Domia foi violentada por Ngungunhane e, em seguida, morta pelos guardas, sem que tivesse causado maior dano ao rei que um corte na coxa direita e o ultraje de ser cuspido e chamado de cão por uma mulher.

Ao final dos dois primeiros capítulos do romance, fica a ideia de que a morte de dois guerreiros e súditos fieis foi consequência das ordens e da intransigência de Ngungunhane. Na perda de Ualalapi¹ e no sacrifício de Mputa já estariam presentes germes da decadência, cujo clímax seria o aprisionamento do régulo pelas tropas portuguesas.

No conto “Quem manda aqui?”, de Paulina Chiziane, o imperador nguni é apresentado como um chefe prepotente, arrogante e intolerante, que se sente o grande criador², contempla o que está à sua volta e vê tudo como obra sua. Este homem orgulhoso e prepotente não suportaria qualquer enxovalho na sua imagem. Por isso, quando uma andorinha defeca em seu olho durante o rotineiro cochilo, é tomado pela fúria, chama os guerreiros e lhes ordena que lhe tragam as andorinhas a fim de que lhes aplique um castigo exemplar: “[...] silenciem todas as andorinhas. Apanhem-nas. Tragam-nas aqui ao castigo, para que todas as aves do mundo saibam quem manda aqui!” (CHIZIANE, 2013,

1 Contrariando o pedido da esposa para que não matasse Mafemane, Ualalapi dispara a lança. Após cumprir a missão dada pelo leão de Gaza, abalado, Ualalapi corre em direção à floresta, na qual desaparece. “Minutos depois o choro de uma mulher e de uma criança juntaram-se ao não e ao ruído da floresta a ser arrasada. E o mesmo ruído cobriu o céu e a terra durante onze dias e onze noites, tempo igual à governação, em anos, de Ngungunhane” (BA KA KHOSA, 2013, p. 34). A equivalência na duração, em dias, do ruído da floresta, do grito lancinante de Ualalapi e do choro da sua esposa e do filho (que choram durante onze dias e morrem afogados pelas lágrimas) com o tempo de reinado de Ngungunhane, em anos, sugere que ali começava um sofrimento que persistiria.

2 “Contempla a sua obra e suspira de orgulho – fui eu quem transformou tudo isto em vida. coloquei luz nos olhos dessa gentalha. Quando aqui cheguei, a terra era selvagem e era macho. Domestiquei-a. Tornei-a fêmea, é toda minha, faço o que quero. Dá-me bons frutos, cereais, gado. Dá-me sol e chuva. Nessa terra fêmea, os homens me servem de joelhos, porque já não são homens. Sou o único macho na superfície da terra” (CHIZIANE, 2013, p. 9).

p. 11). Apesar de duvidar de que o imperador esteja no uso da razão, o general cumpre as ordens e organiza uma expedição. Com a partida dos melhores guerreiros, o reino fica desprotegido. Em seguida, o rei dos ronga, envolvido em querelas com os portugueses, pede abrigo a Ngungunhane, que, contrariando os conselheiros, dá acolhida a Matibyana³. O resultado é o ataque perpetrado pelos portugueses e a queda do império.

Importa referir que a escritora Paulina Chiziane é de origem chope, povo que estava entre os principais inimigos de Ngungunhane⁴. Ungulani Ba Ka Khosa, por sua vez, pertence à etnia tsonga, submetida pelos ngunis no sul de Moçambique. Desse modo, percebe-se que Ngungunhane, embora tenha sido uma figura emblemática da história africana, não é unanimidade, uma vez que não representava os interesses de todas as etnias locais.

Contudo, a partir da década de 1960, com o movimento independentista, houve um esforço da FRELIMO, ampliado depois da independência, no sentido de converter Ngungunhane em herói nacional. Naquele momento, dez anos depois da libertação de Portugal, quando o partido no poder enfrentava a RENAMO na Guerra Civil – acontecimento que ameaçava fraccionar a integridade do país – segundo Garcia (2008), era necessário recorrer aos ritos de recordação que permitissem perpetuar o sentido de pertença e continuidade.

No texto “Memória, esquecimento, silêncio”, Michel Pollak (1989) salienta a força dos diferentes pontos de referência – entre os quais, as tradições, os costumes, as datas e os personagens históricos – que estruturam nossa memória e a inserem na memória da coletividade à qual pertencemos. A memória coletiva, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça o sentimento de pertencimento e as fronteiras socioculturais. Segundo Pollak, as memórias coletivas, fortemente constituídas, como é o caso da nacional, têm uma função:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis (POLLAK, 1989, p. 9).

Há uma relação íntima entre memória e identidade:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.

³ Garcia (2008) refere que dois régulos tsongas – Matibejana e Mahazul – se refugiaram na Corte de Ngungunhane.

⁴ Sublinhemos que a personagem sofre uma transformação no conto de Chiziane, passando de arrogante, tirano e inconsequente imperador a, no final, representante espiritual das lutas pelos interesses moçambicanos, pela liberdade.

Nesse sentido, a mitificação⁵ de Ngungunhane, ponto de referência comum aos habitantes, tinha a função de reforçar a consciência nacional – uma vez que o chefe nguni fora, em certa medida, um resistente às imposições coloniais – e fomentar o sentimento de identidade. O problema é que o intento da FRELIMO envolvia a imposição de uma determinada visão do passado, e é a isso que Ungulani Ba Ka Khosa reage em *Ualalapi*. Utilizando o que Inocência Mata (2000) definiu como estratégia contradiscursiva – cujo objetivo é a deslegitimação de um projeto de nação monocolor pensado sob o signo da ideologia nacionalista –, Ba Ka Khosa demonstra que a história oficial estava eivada por nacionalismos baratos. Importa salientar que ele considerava reducionista a tentativa de pautar os referentes dos moçambicanos sob a batuta do nacionalismo, ou seja, um renascimento do ponto de vista de referências políticas e não culturais, sobretudo porque, ainda de acordo com o escritor, a sustentabilidade de uma cidadania amarrada ao político e não ao cultural é extremamente fraca, tênue.

Contrário à cidadania presa ao político, que resultaria da faina ideológica do discurso oficial, Ba Ka Khosa permite a irrupção das memórias da margem, e, quando estas irrompem, conforme Pollak (1989), ocorre a revisão crítica do passado. Esta revisão, que também se verifica no conto de Paulina Chiziane, em *Ualalapi*, está presente, especialmente, na representação de Ngungunhane. A este propósito são relevantes as epígrafes utilizadas por Ungulani Ba Ka Khosa, as quais contêm pareceres de Ayres d’Ornellas⁶ – que revela admiração pelo régulo – e do Dr. Liengne⁷ – que descreve o leão de Gaza como uma figura horrenda, cuja política era falsa, absurda e cheia de duplicidade.

No capítulo “Damboia”, surge outro aspecto da personalidade de Ngungunhane. Aqui, em face da doença⁸ da tia e das suas trágicas consequências, o governante insiste em negar a realidade:

Ngungunhane andava de um lado para o outro, afirmando que tudo andava bem e que havia grandes progressos, pois as colheitas nunca vistas encheram celeiros de nunca acabar, e as crianças que nunca nasceram vieram ao mundo mais gordas e sãs, e os velhos duravam mais anos, e os guerreiros mais batalhas ganhavam, os que diziam o contrário eram pendurados em

5 Esta mitificação envolveu aquilo que Ricoeur (2007) denominou memória manipulada – caracterizada mediante fenômenos ideológicos, ou seja, de abusos que resultam da manipulação e do esquecimento. Trata-se de uma memória instrumentalizada.

6 Militar português que participou das operações que levaram à captura de Ngungunhane e à queda do império de Gaza.

7 Médico suíço que, em 1892, inaugurou um posto de saúde e missão evangélica em Manjacaze, capital do império de Ngungunhane, onde viveu quatro anos, exatamente no período em que o relacionamento dos ngunis com a autoridade colonial foi mais conturbado.

8 Damboia, tia do régulo, foi acometida por uma hemorragia que perdurou por meses. O seu sangue menstrual inundou a casa e atingiu o pátio. No segundo mês de ininterrupto sangramento, vieram as chuvas. Com isto, o sangue chegou ao rio, tingiu a água e matou os peixes que os ngunis não comiam. Em seguida, crocodilos passaram a viver nas margens do rio e era normal vê-los na soleira das portas. Alguns velhos suicidaram-se, outros, velhos e novos, morreram de sede, pois a água do rio estava contaminada e o lago das proximidades também.

árvores” (BA KA KHOSA, 2013, p. 67).

Apesar dos revezes porque passava o império, Ngungunhane seguia afirmando uma prosperidade que existia somente no seu discurso vazio. E, em meio à adversidade, maior era o imperativo da hipocrisia e o autoritarismo do seu reinado.

O autoritarismo de Ngungunhane é nítido em “Quem manda aqui?”. Neste conto, antes de decretar guerra aos pássaros, o imperador, uma semana antes, havia declarado guerra aos hipopótamos. Incomodado com uma manada de hipopótamos que se refrescava no lago, em pleno sol, Ngungunhane ordenou que seus guerreiros silenciassem os quadrúpedes:

Hipopótamos e humanos não lutam com as mesmas armas. Enquanto os guerreiros nadavam e tentavam desferir golpes com as frágeis lanças de ferro, os hipopótamos, numa só dentada, quebravam o guerreiro pela coluna e atiravam o corpo para dar de comer aos peixes. Cem guerreiros mortos é o balanço. Outros cinquenta com graves mutilações. Perderam os braços, perderam as pernas, perderam a cabeça. Agora é a guerra aos pássaros. Quantos se irão perder desta vez? (CHIZIANE, 2013, p. 15).

Chiziane trata com escárnio a figura do imperador nguni: “O calor vinha do sol e das banhas daquele corpo de elefante” (CHIZIANE, 2013, p. 9). Através da representação de Ngungunhane, o narrador dá indícios da decadência do império: “O gordo imperador está a emagrecer. As guerras dos portugueses são poderosas e Nguyuza não volta [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 30). Em seguida, mostra a fragilidade do régulo: “O imperador foi preso pelos portugueses sem resistência [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 36).

O romance *As mulheres do imperador* tem como contexto um momento histórico posterior à prisão do chefe vátua. Neste livro, Ba Ka Khosa focaliza o retorno a Moçambique de quatro das sete mulheres de Ngungunhane que, com o imperador derrotado, haviam deixado a colônia em janeiro de 1896.

Em 31 de julho de 1911, Phatina, Malhalha, Namatuco e Lhésipe, depois de anos de exílio em São Tomé, tornam a pôr os pés na terra natal, acompanhadas de Oxaca e Debeza, duas mulheres de Zilhalha – régulo subordinado a Ngungunhane.

Antes do seu falecimento, ocorrido em 1906 nos Açores, Ngungunhane foi alfabetizado, batizado e recebeu o nome de Reinaldo Frederico Gungunhana. A mudança no nome deveu-se à necessidade do apagamento de todo e qualquer vestígio da identidade autóctone. A assunção da cultura do outro, do vencedor, deveria ser completa: a língua portuguesa escrita, a religião católica e o nome português. Todavia, ao contrário de Zilhalha, que se adaptara à nova realidade, Ngungunhane vivia em desalento: “E o mais grave no desterro do imperador foi a recusa em assumir para lá do básico a língua portuguesa, por a achar sem graça e sem os estalidos da língua em que o zulu era prodígio. Tornou-se homem de poucas falas.” (BA KA KHOSA, 2018, p. 179).

Tendo chegado a Lisboa em 13 de março de 1896, Ngungunhane foi apresentado

como troféu de guerra, prova da vitória dos portugueses, e convertido em figura de circo, tanto que a população portuguesa peregrinava para ver as criaturas exóticas recém-chegadas da colônia africana: “Venho eu a Lisboa gastar um dinheirão e não vejo os pretos!” (BA KA KHOSA, 2018, p. 140).

Passados mais dez anos da ruína do império, a monarquia nguni não despertava simpatia e tampouco saudade na colônia. Foi o que constatou o doutor Azevedo e Silva, então governador de Lourenço Marques, quando da chegada das mulheres de Ngungunhane:

Elas não provocaram a esperada curiosidade na elite indígena: os irmãos Albasine, paladinos dos interesses dos cafres, não fizeram a mínima referência à chegada das mulheres no jornal de que eram proprietários. Elas não eram notícia. Não existiam. Foram elididas da memória (BA KA KHOSA, 2018, p. 142).

A explicação para a elisão da memória das figuras da monarquia vátua, no entendimento do governador, estaria em um artigo publicado no jornal *O africano*, a que tivera acesso em 1909:

Tirano cruel era o Gungunhana e para vencê-lo V. exa. Pôs a sua espada, a sua energia e a sua vida ao serviço da pátria; e a pátria para abater a arrogância daquela besta imunda não se poupou a sacrifícios de nenhuma espécie. Era a luta da razão ao serviço da humanidade, era a civilização expulsando à ponta da baioneta, o cruel tirano vátua, livrando aqueles povos de Gaza, daquela fera humana, substituindo-a por homens cultos, sérios, moderados, possuidores da verdadeira ciência de governar, de administrar (BA KA KHOSA, 2018, p. 142).

A necessidade da união da população nativa contra os invasores brancos não foi o bastante para superar ódios antigos. As elites locais desejavam assumir a alma portuguesa em detrimento dos seus costumes, o que justifica, em larga medida, o esquecimento voluntário da monarquia nguni.

As esposas do régulo, ao retornarem do exílio, sem qualquer vestígio da dignidade de rainhas, ficam na rua, até serem abrigadas por Sibuko Simango, nguni que trabalhava de mordomo para Antônio Antunes, chefe do almoxarifado da colônia, um patrão que, ao contrário dos demais, não era dado a palavões, bofetadas, pontapés e cuspidelas. A Sibuko coube, além de hospedar as mulheres desamparadas, colocá-las a par das mudanças: a subserviência aos brancos, a sobreposição de culturas, a caderneta de indígena e a mudança nos nomes: “Há um grande chefe branco vivendo e mandando em Gaza. Mandlakazi já não é nosso. Chaimite tem um régulo que presta contas aos portugueses. Todos os nossos chefes de terras são nomeados pelos portugueses.” (BA KA KHOSA, 2018, p. 176).

Diante de tal parecer, uma das mulheres conclui:

Somos o passado. Somos a memória negada. Ninguém vai acreditar na nossa verdade. Esta terra está sendo construída sem o passado. Tudo o que é

passado é coisa morta. Os Portugueses de hoje serão passado amanhã. Esta terra levará séculos a se encontrar porque vai negar sempre o seu passado (BA KA KHOSA, 2018)

Sibuko comenta que ali nada mais souberam de Ngungunhane – ignoravam inclusive a sua morte. Os autóctones que teimavam em falar e aceitar o imperador derrotado eram perseguidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “Quem manda aqui?”, Ngungunhane, derrotado, reflete sobre as suas ações e se arrepende. Uma andorinha defeca em sua cabeça e ele ressurgue, parecendo revestido de novos poderes. Neste ponto, a narrativa de Paulina Chiziane reabilita o último régulo de Gaza. Em seu discurso, ele prevê a liberdade para aquela terra:

Eu sou o futuro e a certeza. Conheço os enigmas do além. Dentro de mim reside a chave dos mistérios do amanhã. O futuro será risonho e verdejante, para lá do tempo. Esta terra, juro-vos, vestirá as cores de todas as primaveras. Eu hei de voltar. Com outra forma, noutra tempo, encarnado na outra geração, mas hei de voltar (CHIZIANE, 2013, p. 39-40).

Em *Ualalapi*, depois da queda, há uma transformação na personagem Ngungunhane, que, de tirano, se torna um homem com a capacidade de prever fatos do período colonial e do pós-colonial de Moçambique. Ademais, está apto a realizar uma avaliação crítica do pós-independência.

Focalizando o imperador de Gaza, Ungulani Ba Ka Khosa e Paulina Chiziane praticam o revisionismo histórico e, assim, questionam a versão dos fatos imposta pelo discurso nacionalista. Este, ao eleger uma visão acerca do passado, nega legitimidade a outras. Tal prática atua a serviço da manipulação da memória coletiva, a qual, como observa Le Goff (1990), sempre foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. O estudioso alerta, ainda, que tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações dos grupos e dos indivíduos, que dominaram e que dominam as sociedades.

Modo privilegiado de expressão e de preservação da memória, a literatura frequentemente se opõe às tentativas de manipulação. Nesse sentido, os textos de Paulina Chiziane e de Ungulani Ba Ka Khosa são brados contra a faina ideológica, seja do discurso colonial, seja do discurso nacionalista.

REFERÊNCIAS

BA KA KHOSA, Ungulani. **As mulheres do imperador**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

BA KA KHOSA, Ungulani. **Ualalapi**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

CHIZIANE, Paulina. Quem manda aqui? In: CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. p. 09 - 44.

GARCIA, José Luís Lima. O mito de Ngungunhane na ideologia nacionalista de Moçambique. In: TORGAL, Luís Reis. **Comunidades imaginadas: nação e nacionalismos na África**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 131 - 147.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MATA, Inocência. **O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS DE ÁSIA E ÁFRICA, 1., 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/mata.rtf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 25 mar. 2019.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 25 mar. 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

VILHENA, Maria da Conceição. **Gungunhana em seu reino**. [S. l.], 1996. Disponível em: <http://www.macua.org/gungunhana/introducao.html>. Acesso em: 20 mar. 2019

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturaçãõ 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020